

UFES – Centro de Ciências Humanas e Naturais
Departamento de Línguas e Letras
Curso: Letras Português
Disciplina: Literatura do Espírito Santo
Professora: Andressa Zoi Nathanailidis
Aluns: Aécio Ferreira, Eliana Gomes, Wiliane Brito

Judith Leão Castello Ribeiro nasceu no município da Serra (31/08/1898-23/03/1982), foi a primeira mulher em muitas coisas que se propôs a fazer, tornando-a uma figura feminista super importante para o Espírito Santo, em um tempo onde quase, ou nunca, se falava sobre os direitos das mulheres. Professora, escritora, política, entre outras funções que naquele tempo somente homens tinham destaque. Proibida de ingressar na academia capixaba de letras, criou a Academia Feminina Espírito-Santense de Letras em julho de 1949. Só em 1981 ela se tornou a primeira mulher a fazer parte da academia. Foi a primeira mulher eleita deputada estadual em 1947.

Livros e Imprensa

1932: Livro “A Educação e o Ensino Interessante”, tese que lhe deu o título de catedrática em Ciências Pedagógicas.

1980: Livro “Presença”, crônicas e outros textos (doou o livro à Igreja, para que a receita das vendas fosse destinada aos pobres).

1981: Livro “Recompensa”, discurso de posse na Academia Espírito-Santense de Letras.

- Publicou artigos nos jornais A Gazeta, Diário da Manhã e nas revistas Vida Capixaba, Canaã, Revista do DSP e Revista da Educação.
- Também atuou em rádios.

"Nada de extremismos para glorificação da Mulher na afirmação de sua personalidade. Liberdade plena é utopia. Nem vós, homens, a possuis. Sois escravos de vossas responsabilidades. Do lar à Pátria, o senso íntimo — a consciência; o senso comum — a sociedade, vos vigiam no cumprimento dos deveres. Seremos igualmente livres, sofrendo a nós mesmos. A "Mulher" não grite por liberdade. Faça-se pelo trabalho silencioso, pela renúncia no plano das liberdades que aviltam a licenciosidade. As vitórias femininas os homens as aceitam. O passado afirma e o presente confirma. A exaltação da "Mulher Capixaba", hoje, nesta sessão, fala alto, em favor da elevação espiritual do Homem, sintonizando

seus sentimentos com os da "Mulher" homenageada, aceitando sua colaboração. Diz Tommaso Campanella, em a "Cidade do Sol": "Não é de uma só corda, mas de várias que se tira a harmonia".

(Judith Leão Castello Ribeiro)

Será, e é, lembrada por gerações como uma mulher forte, pensadora, exemplar, que abriu caminho para que outras mulheres soubessem que podem ser quem quiserem!

JUDITH LEÃO CASTELLO RIBEIRO

PRESENÇA



Matriz de Nossa Senhora da Conceição da Serra, vendo-se, além, o recorte do Mestre Álvaro.

Vitória (ES)

1980

JUDITH LEÃO CASTELLO RIBEIRO

PRESENÇA



Matriz de Nossa Senhora da Conceição da Serra, vendo-se, além, o recorte do Mestre Álvaro.

Éramos treze... não estou parodiando o romancista. Éramos, de fato, treze irmãos. Tudo veio do interior e ficou numa casa de sobrado, na extinta Rua José Marcelino, engaiolado. Entre o bando de crianças estava eu. Viemos estudar. Como contávamos os dias, esperando as férias! Até que, metidos, numa canoa, deixávamos o cais Schmit. O Lameirão, imenso. A embarcação mais parecia uma palha à flor d'água. Depois, a beleza azul e branca do Santa Maria, que se arroga o direito de fazer ondinhas. Adiante, as escuras águas do Una, bem como assinala o nome indígena. Aí, a canoa passava por cima da vegetação aquática. Nenúfares brancos, iguais a xícaras, sobre folhas redondas, verdes, picotadas de vermelho.

Depois, a estrada, velha conhecida, um carro de bois e todos nós dentro dele. A Serra aparecia, horas depois, lá embaixo, no pé da ladeira do Saco.

Bons tempos aqueles. Quanta saudade... Nas caladas da noite, o congo a ensaiar, anunciando à festa de São Benedito, o mastro, a noite de Natal... Vinham os dias. As festas chegavam. O mastro era "enfincado". Eu chorava sempre, naquele fim de festa. Tinha saudade, não sei de que... Mas pouco durava. Em janeiro, tudo estava preparado para irmos aproveitar o segundo mês de férias, em Jacaraípe.

Que pulsações eu sentia, no coração, ao rever, de memória, o mar, as praias festonadas de campânulas dos cipós floridos! Sentia, não sei como, o cheiro de salsugem vindo da brisa do mar. Tinha, nítida, nos olhos, a imagem das algas crespinhas, verde mar, aos montes, na praia. Via o rendilhado dos pezinhos dos aitís brancos, marcado na areia molhada.

Como faziam bem, papai e mamãe, tudo sacrificando, para nos dar pedaços de vida naquelas férias passadas em contato com a natureza!

A nossa casa de palha ficava pouco acima do cômodo da praia. Era sempre novo o espetáculo do acordar do sol, quando deixava o lençol do mar, pondo de fora a cabeça, ainda sem a coroa de raios, lançando a primeira mensagem à terra por sobre as ondas, numa faixa de luz trêmula.

Que dias esplêndidos passávamos em Jacaraípe! A casa só servia para dormir. O dia todo, praia, mar, rio. Com os pescadores, puxávamos as redes. Recebíamos o nosso quinhão. A "comidinha", como diziam os pescadores, "é dos meninos". E toda a miuçalha que vinha passava para os nossos samburás. Deixava de ser a "comidinha" de peixe grande, para ser regalo de crianças. No rio, além do banho, chamariz forte havia no apanhar "mixora", com um lençol aberto, contra a correnteza, na boca da barra. Ali, o dia se findava. E, com ele, milhares de filhotes, uma "mixórdia" de peixes que descia da lagoa Jucunen, em busca do mar, tinha, também, seu fim. Apesar da proibição, que havia em casa, nunca deixávamos de esperar os cardumes... Era bem divertido e rendoso. Às escondidas, secávamos com sal, em jiraus, os minúsculos filhotes de rebolos e de tainhas e os fritávamos, com fubá, fazendo pacotes, bem parecidos com os de amendoim torrãozinho. Muita experiência adquirem as crianças quando postas diante das páginas vivas da grande mestra, a natureza. Como seria bom que todos tivessem a felicidade que nós, as treze crianças, tivemos!

Umas férias, como tudo pode acontecer, tive de passá-las estudando. Queria ganhar a vida. Ajudar a papai e a mamãe, que queriam que "todos eles fossem doutores", como diz a mãe preta, daquela canção. Era um ideal. Bem, naquelas férias, saía de casa, ia para as praias isoladas. Fugia às tentações. A ponta do Irema, com o seu riacho verde-gaio, sombreada de murtinhas redondas, verde-negras, cheia de recifes roxos, era o lugar preferido. Ali eu ficava até a hora que começava o preamar. E foi naquele recanto que recebi a mais eloqüente lição de sociologia. A viração começava a soprar mais forte. As ondas já lambiam, lá embaixo, os primeiros rochedos. Dispunha-se a deixar meu esconderijo. Debrucei-me sobre a orla dos recifes e vi um rosário de caracóis, arroxeados, marchetados de ponto brancos, brilhantes, iguais aos quartzo dos rochedos. Via-se, logo, que eram dali. Pois bem, entre a chanfradura dos recifes, na areia grossa, arrastava-se o cortejo rumo ao pé do recife. Subiu o primeiro até certa altura, mas, pouco depois, caiu. Ficou um risco brilhante, na pedra. Outro veio, subindo, naquela babugem ajeitou-se, foi mais além. Mas, também, caiu, deixando um traço maior. Agora, atrás do que subia, outros seguiam e se firmavam,

vencendo, aos poucos, a escalada. Nenhum ficou na areia. Subia a corrente roxa e, no alto, nas cavidades abertas em minúsculos labirintos, se meteram os caracóis. As ondas já entravam se abrindo em leques de espuma, nos recifes. As águas contornavam o rochedo, molhando-me, mas os caramujos estavam longe, para serem atingidos. Fiquei a pensar naquela lição viva sobre a tese - valores ou forças sociais. Ali, estava um exemplo de quanto vale a **solidariedade**, como valor social, mantenedora da sobrevivência, da perpetuação da espécie. A estabilidade social é, frequentemente, alterada para o bem ou para o mal, por essa grande força moral e, por isto, conjugemos os nossos, impulsos no sentido de garantirmos, conscientemente, não apenas por instinto, como fazem os caramujos, a sobrevivência da humanidade. Cultivemos, para a realização de todos os outros valores sociais, a harmonia e a ordem. Incentivemos, nos jovens, a **Gratidão à Justiça**, fazendo-os abominar a **mentira**, o **engano**, a **fraude**, tudo que corrompe as relações de cooperação, tudo que é desfavorável à ordem social. Formemos os ideais de **Justiça**, condição básica para a realização de todos os valores sociais, os quais levam à felicidade, ao progresso, a sociedade. Lembremo-nos que, graças à solidariedade, nem quando brigam as ondas com os rochedos, perecem, desaparecem os caramujos.